A Propósito de Topônimos

CARLOS STUDART FILHO

Escrito com o intuito de mostrar aos menos prevenidos o quão difícil é ajuizar do sentido das vozes indígenas, usadas entre nós, começaremos êste trabalho lembrando que no Cap. IV, do livro O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL (p.p. 165 a 187), intitulado "Da Interpretação dos nomes tupis com emprego na geografia e na história nacional", Teodoro Sampaio registra dezenas de enganos na maneira de explicar a origem de nomes e topônimos de procedência brasílica usados em nosso país.

Em tais erronias não incidem apenas bisonhos estudiosos da matéria; cometem-nas a miúdo, consoante ali se demonstra, tupinólogos de renome e, até, mestres do vulto de um Martius, a quem o autor justamente considera "dos raros homens de ciência que bem conheciam o tupi."

Evidencia, ainda, o quanto é árduo saber a verdadeira origem das dições tupis, até as mais vulgares, e apurar as alterações que sofreram, com o passar do tempo, a multiplicidade de etimologias, muitas delas em completo desacordo, propostas pelos autores que cuidam da matéria.

Como exemplo elucidativo, recordaremos que, no "Apêndice sôbre Etimologias Brasílicas", com que Vale Cabral acresceu a sua **Bibliografia,** são arrolados, sob o título **Pernambuco qual a sua ortografia e a sua etimologia,** quinze maneiras diversas de interpretar o topônimo citado.

Que dizer, então, da palavra Ceará, cuja etimologia, consoante registra o livro "O Ceará", de Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, é explanada de vinte e três maneiras diversas... "Tantas são, a esse respeito, as opiniões dos velhos cronistas e dos modernos escritores, que, observa o autor do verbete, dificilmente se poderá admitir, como verdadeira, qualquer das explicações oferecidas, embora muitos deles reputem legítimo o seu modo de pensar".

Considere-se, outrossim que o último número da Revista do Instituto do Ceará insere, em suas páginas, um erudito artigo do

Professor Guarino Alves de Oliveira, com a denominação de "Resolvido o problema do nome Ceará". Ora isso significa, de modo claro, o surgimento de mais um parecer sobre o assunto.

Citaremos, como tendo dado azo a desencontradas interpretações, também a palavra Tauá, aliás de muito uso entre nós.

Sem qualquer alusão à etimologia do vocábulo, Raimundo Girão (op. cit. pg. 218) assim o dicionariza: **Tauá** s.m. Barro de côr branco-amarelada que, além de outras aplicações, serve para colorir a cerâmica. Afirma, todavia, ("O Ceará", 3a. ed. p. 477. Fort. 1966, p. 528) que **Tauá** significa realmente barro, mas sem indicação de côr e esclarece: "É antes, o barreiro por isto que deve ser a contração de **taucaba ou tagaba".**

Mestre Teodoro Sampaio, bem mais elucidativo no tocante ao assunto, diz (op. cit. p. 271): **tauá** V. taguá contrac. de **ita guaba**, pedra ou argila de comer, barreiro; alt. **taguaba, taguá, tauá** V. **itaguá,** pedra ou argila variegada, de côres diversas.

Escrevera, antes, (p. 230): **Itaguaba**, C. **itá-guaba** a comida de pedra ou de barro, isto é, a pedra ou barro que serve de comida aos animais: é o que o vulgo denomina barreiro, ponto de margem do rio onde os animais vêm lamber a terra salgada ou salitrada".

Prescindindo dos subsídios que lhe poderia fornecer a etimologia, deste modo consigna Florival Seraine (op. cit. p. 281) o verbete: **Tauá** S. M. pedra amarela argilosa, amarelada, com emprego para colorir a louça de barro, tinta extraída dessa argila.

É certo, porém, que, em **Toponímia Cearense** (p. 503), do mesmo autor, lê-se: "A etimologia do vocábulo fornecida por Paulino Nogueira é a seguinte, concebida antes por Gonçalves Dias: **tauá** — barro amarelo — Stradelli define **tauá** amarelo, côr de barro, côr de terra, barro, (ob. cit. p. 669), Couto de Magalhães registra **tauá** amarelo (ob. cit. p. 127).

O Barão de Studart define: argila amarela, barro (ob. cit. p. 347), sem decompor o vocábulo".

Bernardino José de Sousa refere **tauá:** alteração do Tupi **Taguá** amarelo, nome da uma argila amarela, empregada na indústria da louça de barro fabricada no interior do país (**Onomástica Geral de Geografia do Brasil** cit. p. 276) Cândido Figueiredo (**Novo Dicionário da Língua Portuguesa**) (1 vol. 4a. ed. p. 791) define **tauá** n.m. brasileirismo. Peróxido de ferro **Taguá,** adj. Bras. Amarelo. (termo tupi) o **Pequeno Dic. Brasileiro da Língua Portuguesa** traz, no verbete de **tauá** n.m. Bras. Pedra amarela argilosa, de peróxido de ferro. No entanto, Agenor Lopes de Oliveira, em seu livro **Toponímia Carioca** contrariando os autores citados, encara a formação da voz ora analisada de maneira inteiramente diversa. Diz êle, com efeito (p. 38), referindo-se a certo morro situado na

Ilha do Governador e que tem, como designativo, o nome aqui discutido: **tauá**, alteração de **ta oá** aquele que é redondo...

Tastevin, por sua vez, empresta à voz **tauá**, que grafa **tawa**, os quatro significados seguintes: aldeia, cidade, amarelo e barro, dois dos quais bem diferentes, portanto, daqueles que lhe atribuem os outros especialistas.

Na acepção de aldeia aparece, ainda, no **Dicionário Topográfico e Estatístico da Província do Ceará** e no artigo de Pompeu Sobrinho inserto em **O Ceará** (1a. ed. p. 79) (G. de Freitas).

Faz pouco, o vocábulo **tauá** foi longamente analisado pelo historiador Gomes de Freitas, em trabalho que leu em sessão do Instituto do Ceará. Do substancioso estudo, em que são definidos pontos de vista novos sobre o interessante tema e que o autor incluiu em seu último livro, **Inhamuns terra e homens**, Fortaleza 1912, destacamos os dois trechos abaixo:

Na opinião do geógrafo Valverde, diz êle (p. 21) o nome **Tauá** é designativo de solo tipicamente laterizado (**O Homem Gordo do** Tauá, p. 7 de Otacílio Nobrega de Queiroz). "Ainda encontrei, acrescenta o autor (p. 22), singular definição para **Tauá** no **Grande Dicionário da Língua Portunguesa** de Morais e Silva, à página 688, 1.º volume — **"tauá**, palmeira do Brasil de cujos frutos se fazem vários objetos" e que a esses objetos davam o nome de **gomis do Tauá**, na informação segura de Xavier de Morais, no seu livro "Pindorama".

As duas acepções acima, emprestadas à palavra **tauá**, e outras de menor singularidade, que o autor também consigna, são por ele ardorosamente combatidas, para chegar afinal à inesperada conclusão de que **"tauá** significa aldeia antiga" (Op. cit. p. 24).

Apoia em parte, as suas lucubrações filológicas no parecer do escritor Adauto Fernandes, constante da página 110, de seu livro **"A Gramática Tupi"**, 2a. elição, Rio.

Aliás, as dificuldades que terão de defrontar-se aqueles que, porventura, desejem adquirir conhecimentos, capazes de lhes permitir penetrar com segurança os obscuro domínios das etimologias brasílicas, patenteiam-se de certo modo, tambem na vultosa relação de obras que versam essas línguas dos nossos indígenas.

A fim de que se tenha uma idéia de como é alentada tal bibliografia, lembraremos que Alfredo do Vale Cabral, em seu escrito **Bibliografia das Obras tanto impressas como manuscritas relativas ao Tupi ou Guarani, também chamada Língua Geral do Brasil**, consigna sobre o assunto 302 trabalhos.

Convém notar, de passagem, que ascende a 215 os estudos em que se estribou Levy Cardoso para elaborar o livro intitulado

Toponímia, vindo a lume em 1961. Na **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras,** Rio 1965, Matoso Câmara dá-nos, por sua vez, uma relação de mais de 100 escritos, consagrados à análise do linguajar dos nossos aborígines.

Na mesma ordem de idéias há que mencionar, como sendo da maior importância no caso, a **Memória,** de Tenório d'Albuquerque, apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas de 1922. Nela o autor arrola, sob a rubrica "Resumo dos principais trabalhos sobre língua dos americolas, publicados até o século XIX exclusive, em ordem cronológica "cinquenta e um escritos, alguns dos quais de extrema raridade, quase todos, porém, de grande valor ilustrativo.

Defendendo teses de cunho verdadeiramente revolucionário, qual a da inexistência de uma língua tupi, o trabalho do prof. Tenório evidencia o quão desavisados e sobretudo desautorizados se mostram alguns dos nossos "especialistas" em línguas brasileiras.

Presumindo-se grandes sabedores do assunto, interpretam, de maneira que chega a ser pueril, a etimologia de nomes indígenas incorporados ou não ao falar de nossa gente.

Em resumo: Tudo que ficou dito patenteia, em definitivo, a complexidade do assunto e a pouca sensatez daqueles que, sem o necessário preparo, se aventuram a abordá-lo.